

Localização Inicial do Imigrante na Cidade: O Caso do Rio de Janeiro

ROBERTO LOBATO CORRÊA
Geógrafo do IBGE

A localização inicial do imigrante e seus posteriores deslocamentos numa cidade têm sido objeto de pesquisas por parte daqueles interessados na compreensão da organização espacial da cidade. Generalizações indutivas foram formuladas a esse respeito e sucessivos testes foram realizados. O presente estudo apresenta os resultados de uma pesquisa exploratória sobre a questão, onde se considerou como quadro de referência a cidade do Rio de Janeiro.

I. A BASE TEÓRICA

Em relação à localização residencial e mudanças posteriores dos imigrantes nas cidades da América Latina, Mangin (5) e Turner (7) propuseram um modelo no qual os imigrantes têm, como primeiro local de residência, os cortiços das proximidades da área central, havendo posterior mudança para a periferia urbana. Segundo os autores mencionados, isto se deve ao fato de que muitos dos imigrantes são jovens e solteiros, sem especialização profissional, encontrando melhores oportunidades nas proximidades do centro comercial das grandes cidades, onde residem em quartos mobiliados, próximos ao local de trabalho que os absorve — trabalho, em grande parte, do “terciário primitivo”. À medida que esses imigrantes ascendem socialmente deslocam-se para a periferia urbana, onde constroem suas casas próprias. Em alguns aspectos esse modelo assemelha-se ao de Burgess (1), derivado para as cidades norte-americanas.

Em que medida o modelo de Mangin e Turner é válido para as cidades da América Central e do Sul? Há a este respeito evidências que o suportam, porém as evidências em contrário também existem.

A seu favor estão os resultados do estudo de Eyre (3) para Montego Bay na Jamaica. Eyre, ao estudar a origem da população de 10 favelas da periferia urbana, verificou que: inicialmente há uma migração das áreas rurais para os cortiços das proximidades da área central, constituindo tal deslocamento o fluxo dominante entre imigrantes; a seguir há um refluxo da área central para as favelas da periferia urbana, refluxo este cuja finalidade é permitir ao imigrante escapar das altas densidades, altos aluguéis e crime; os demais deslocamentos são de pequena importância.

Dos estudos que rejeitam o modelo de Mangin e Turner, o de Flinn e Converse (4) constitui uma rejeição parcial. Estes 2 autores, ao estudarem os deslocamentos dos imigrantes de 3 favelas na periferia de Bogotá, verificaram que de 43 a 49% dos imigrantes residiram inicialmente nos cortiços da área central, posteriormente tendo ido residir nas favelas da periferia urbana. Entretanto, de 50 a 57% dos imigrantes tiveram como primeira residência em Bogotá uma favela localizada na periferia urbana.

Os demais estudos que se seguem constituem rejeição ao modelo em questão. O primeiro deles é o de Davies, Blood e Albaum (2) para a cidade de Guadalajara no México. Estes autores analisaram a residência inicial dos chefes de família que em 1969 emigraram para a cidade. Constataram que esses imigrantes localizaram-se inicialmente, de modo uniforme, por toda a área urbana. Os autores em questão comentam que, implícito no modelo de Mangin e Turner, está a existência de residências deterioradas na área central, e que tal fenômeno não ocorre em Guadalajara, onde a área central é habitada pela classe média. Levantam ainda a questão, não considerada por Mangin e Turner, de que, na escolha do primeiro local de residência, os laços de parentesco do imigrante constituem fator decisivo não só para a primeira moradia como para arranjar trabalho. Como, desde muito tempo, há forte corrente migratória para Guadalajara, os imigrantes atuais possuem, via de regra, parentes por toda a cidade, que os alojam quando nela chegam.

Resultado semelhante foi encontrado por Vaughan e Foindt (6) ao estudarem a localização inicial dos imigrantes em Monterrey no México. Novamente os laços de parentesco exercem poderosa influência não só na obtenção de trabalho como abrigando inicialmente os imigrantes. Os autores assinalam que, tendo em vista a dispersão inicial dos imigrantes, os deslocamentos posteriores se fazem em diversas direções dentro do espaço urbano.

Excelente contribuição é a de Vernez (8) que analisou 125 famílias, desde sua chegada a Bogotá até a mais recente residência, na periferia da cidade. Verificou que:

a) a maioria dos imigrantes não se localiza inicialmente nas áreas deterioradas da área central, mas sim na periferia da cidade ou em outros setores. A área central, foco no passado da primeira residência do imigrante, está perdendo este caráter, seja porque a oferta de residências deterioradas é pequena, face ao número de imigrantes, seja porque não há mais famílias de alto *status* para se mudarem para setores de alta classe afastados do centro, seja porque muitas das residências abandonadas pela elite foram ocupadas pela classe média, seja porque os imigrantes aí localizados aí permanecem, seja, finalmente,

porque a expansão do “core comercial” leva à mudança do uso da terra, de residencial para comercial e de serviços;

b) a localização dos imigrantes na periferia se deve ao aumento da oferta de residências neste setor, seja através de construção de casas em terrenos invadidos, seja através de aluguel de um cômodo para uma família de imigrantes, cômodo este alugado, em muitos casos, por um parente ou amigo do imigrante. Vernez constatou, paralelamente, que aqueles imigrantes que se localizaram inicialmente na área central, ao tomarem a decisão de emigrarem, não foram influenciados por parentes e amigos;

c) não há relação entre a primeira residência e a distribuição do emprego, tendo desaparecido a associação residência—trabalho na área central. Isto se deve ao adequado e barato transporte público, e dispersão do emprego, incluindo certos serviços no setor residencial de luxo, afastado da área central. Além disto, não há necessidade de associação residência—trabalho desde que haja enorme instabilidade e subemprego para o imigrante;

d) os novos imigrantes localizam-se na periferia, em setores relativamente antigos e em processo de melhorias, aí permanecendo pouco tempo. Logo que podem formam novos bairros ainda mais afastados, deixando para trás um conjunto de núcleos mais estáveis. Este processo de suburbanização se faz ao longo de setores, ao longo de eixos cujas terras são as de mais baixo valor imobiliário.

Os estudos acima discutidos mostram que o modelo de Mangin e Turner não é realístico, descrevendo, quando muito, uma pequena parcela da realidade, aquela associada aos imigrantes solteiros, de baixo *status*, e sem parentes e amigos na cidade. Contudo o tema não está esgotado e em relação às grandes cidades brasileiras não há conhecimento sistematizado a respeito.

II. O CASO DO RIO DE JANEIRO E O MATERIAL EMPÍRICO

A cidade do Rio de Janeiro será considerada para se verificar o padrão de localização dos imigrantes. Trata-se de um grande centro urbano, cidade central da segunda área metropolitana do país em termos populacionais. Nela pode-se identificar uma zona em transição ou de obsolescência junto ao core comercial e a existência de favelas distribuídas em várias áreas da cidade. Sua periferia localiza-se parcialmente no próprio município do Rio de Janeiro, estendendo-se, em sua maior parte, pelos municípios vizinhos que integram sua área metropolitana.

Com base nas evidências dos trabalhos de Davies, Blood e Albaum, Vaughan e Feindt, e de Vernez, hipotetiza-se que na cidade do Rio de Janeiro os imigrantes recém-chegados não se localizam majoritariamente na zona de obsolescência, mas em todo o espaço carioca. Esta hipótese se baseia no fato de que condições semelhantes devem ocorrer entre as grandes cidades da América Latina, condições que não se assemelham, senão parcialmente, àquelas que ocorrem nas cidades norte-americanas. Esta hipótese, entretanto, não exclui outra, de que, no conjunto da área metropolitana, os imigrantes localizam-se, inicialmente, na periferia metropolitana, isto é, nos municípios vizinhos ao do Rio de Janeiro.

O Censo Demográfico de 1970, referente ao antigo Estado da Guanabara, fornece o material empírico aqui utilizado. Os dados estão organizados segundo 23 regiões administrativas que compõem o muni-

cípio do Rio de Janeiro, e para cada uma delas informa-se o número de imigrantes, definidos como aqueles nascidos fora do município, discriminando os que residem no município segundo anos de residência: menos de 1 ano, 1 ano, 2 anos..... 6-10 anos e 11 anos e mais. A população total de cada região administrativa foi obtida na mesma fonte.

Os dados considerados limitam a verificação completa da hipótese, pois dos 1.800.410 imigrantes (42% da população total residente) 12% constitui-se de estrangeiros, sem especificação do tempo de residência. Os dados considerados também não possibilitam saber se os imigrantes com menos de 1 ano de residência no município do Rio de Janeiro aí se localizaram sem ter residido anteriormente nos municípios periféricos. É possível que parte dos imigrantes tenha se localizado inicialmente na periferia, mas também, de acordo com o resultado dos estudos empíricos realizados, é pouco provável que esse número seja, em termos relativos, muito importante. Poder-se-ia argumentar que as regiões administrativas não constituam uma escala espacial conveniente para análise. Entretanto, como este trabalho tem um caráter exploratório, esta e outras limitações do material empírico não afetam inteiramente os propósitos do trabalho.

III. ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS

Para se verificar a hipótese de que os imigrantes recém-chegados ao município do Rio de Janeiro localizam-se por toda a cidade, considerou-se os seguintes dados, discriminados por região administrativa: naturais da cidade, imigrantes com menos de 1 ano de residência, imigrantes com 1-5 anos de residência, imigrantes com 6-10 anos de residência, e imigrantes com 11 anos e mais de residência. Tais dados, apresentados em percentual, estão na tabela I.

A hipótese é operacionalizada através da aplicação do índice de Dissimilaridade de Duncan, que mostra em que medida duas distribuições são dissimilares ou não, isto é, comportam-se espacialmente de modo diferente ou não. Tal índice varia de 0 a 1,00, sendo 0 igual à perfeita similaridade e 1,00 à perfeita dissimilaridade. * De acordo com a hipótese, os resultados que se espera obter devem estar próximos de 0, indicando que a localização inicial dos imigrantes, isto é, aqueles com menos de 1 ano de residência, tende a ser similar à localização dos naturais do município e dos imigrantes residentes de 1 a 5 anos, 6 a 10 anos e 11 anos e mais.

Os resultados indicam que os 4 conjuntos de distribuições tendem fortemente à similaridade: 0,05 entre migrantes recém-chegados e migrantes residentes de 1 e 5 anos; 0,08 entre migrantes recém-chegados e migrantes residentes de 6 a 10 anos; 0,10 entre migrantes recém-chegados e migrantes residentes a 11 anos e mais; e 0,19 entre migrantes recém-chegados e população natural do Rio de Janeiro. Observe-se que o valor do índice aumenta à medida que o tempo de residência do imigrante aumenta, alcançando seu valor mais alto quando a confrontação é feita com os naturais do município. Por mais sugestivo que isto seja, o fato marcante é a tendência à similaridade entre a localização do imigrante recém-chegado e a do restante da população residente, comprovando a hipótese formulada.

* O índice de Duncan é expresso pela fórmula: $I.D. = \frac{\sum x_i - y_i}{2} \div 100$ onde x_i e y_i são as duas distribuições confrontadas, que são apresentadas em valores percentuais.

IV. CONCLUSÕES

Os resultados a que se chegou comprovam, ainda que com limitações, a hipótese formulada, rejeitando a idéia de que a zona de obsolescência constitua o foco principal da localização inicial dos imigrantes. Entretanto, pesquisas mais profundas, baseadas em trabalho de campo, são necessárias para se obter uma compreensão dos processos que interferem na localização inicial do imigrante e da estrutura espacial derivada da localização e realocação dessa população. A questão continua aberta, sendo, entretanto, plausível manter a hipótese da localização inicial indiferenciada.

TABELA I

Distribuição da População no Município do Rio de Janeiro Segundo Pessoas Naturais e Imigrantes — 1970 (%)

| Regiões Administrativas | Naturais do Rio de Janeiro | Imigrantes: Anos de Residência | | | |
|-------------------------|----------------------------|--------------------------------|-------|--------|-----------|
| | | Menos de 1 | 1 — 5 | 6 — 10 | 11 e mais |
| Portuária | 1,1 | 1,0 | 1,2 | 1,4 | 1,3 |
| Centro | 0,9 | 2,2 | 2,1 | 2,0 | 2,0 |
| Rio Comprido | 2,2 | 2,2 | 2,0 | 2,2 | 2,6 |
| Botafogo | 4,5 | 10,2 | 9,2 | 8,5 | 7,6 |
| Copacabana | 4,0 | 9,6 | 8,9 | 7,8 | 7,3 |
| Lagoa | 3,5 | 7,3 | 6,2 | 5,0 | 4,5 |
| São Cristóvão | 2,0 | 2,2 | 2,2 | 2,5 | 2,3 |
| Tijuca | 4,5 | 4,3 | 4,3 | 4,2 | 4,8 |
| Vila Isabel | 3,7 | 3,8 | 3,0 | 3,1 | 4,0 |
| Ramos | 5,3 | 5,4 | 6,0 | 6,4 | 5,6 |
| Penha | 7,0 | 5,4 | 5,7 | 6,5 | 6,7 |
| Meier | 9,0 | 7,6 | 7,9 | 7,8 | 8,0 |
| Engenho Novo | 5,0 | 3,0 | 3,1 | 3,4 | 4,6 |
| Irajá | 6,4 | 3,7 | 3,8 | 4,4 | 5,1 |
| Madureira | 7,1 | 4,3 | 4,6 | 4,9 | 5,6 |
| Jacarepaguá | 6,2 | 4,1 | 5,2 | 5,1 | 4,9 |
| Bangu | 9,5 | 6,9 | 7,2 | 7,7 | 8,1 |
| Campo Grande | 6,3 | 3,8 | 4,5 | 4,5 | 4,1 |
| Santa Cruz | 2,5 | 1,6 | 2,0 | 1,8 | 1,6 |
| Ilha do Governador | 2,4 | 4,6 | 3,2 | 3,0 | 2,2 |
| Ilha de Paqueta | 0,1 | 0,1 | 0,1 | 0,1 | 0,0 |
| Anchieta | 5,6 | 4,7 | 5,7 | 5,5 | 5,2 |
| Santa Teresa | 1,2 | 2,0 | 1,9 | 2,2 | 1,9 |
| TOTAL | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 |

FONTE: Censo Demográfico, Guanabara, 1970, IBGE.

BIBLIOGRAFIA

- 1) BURGESS, E. W. — El Crecimiento de la Ciudad: Introducción a un Proyecto de Investigación. *Estudios de Ecología Humana* (ed. G. A. Theodorson), Ed. Labor, Barcelona — 1974, 1.º volume.
- 2) DAVIES, S., BLOOD, R. e ALBAUM, M. — The Settlement Pattern of Newly Arrived Migrants in Guadalajara. *Revista Geografica*, 77, 1972.
- 3) EYRE, L. A. — The Shantytowns of Montego Bay, Jamaica. *Geographical Review*, 62 (3) 1972.
- 4) FLINN, W., CONVERSE, J. — Eight Assumptions Concerning Rural-Urban Migration in Colombia: A Three Shantytowns Test. *Land Economics*. 46 (1970).
- 5) MENGIN, W. — Latin American Squatter Settlements: A Problem and Solution. *Latin American Research Review*, Summer, 1971.
- 6) VAUGHAN, D. R. e FEINDT, W. — Initial Settlement and Intracity Movement of Migrants in Monterrey, Mexico. *Journal of the American Institute of Planners*, 39 (6) 1973.
- 7) TURNER, J. C. — The Barriada Movement. *Progressive Architecture*, 49, 1968.
- 8) VERNEZ, G. — Residential Movements of Low — Income Families: The Case of Bogota, Colombia. *Land Economics*, 50 (4) 1974.